IMIGRAÇÃO PORTUGUESA, CASAMENTO E RIQUEZA EM BELÉM (1870-1920)

Cristina Donza Cancela

Ao procurar analisar a imigração para a Amazônia, mais especificamente para a cidade de Belém, capital do estado do Pará, no período da economia da borracha, me deparei com uma forte presença de imigrantes portugueses na documentação levantada. Para se ter uma idéia dessa superioridade vale destacar que, no cotejamento de inventários *post mortem* realizados para os anos de 1870 a 1920, cerca de 10% deles dizia respeito a estrangeiros residentes no Pará, dentre estes, 87% era formada por portugueses, e os 13% restantes, por franceses, espanhóis, alemães, ingleses e italianos[1].

Esse percentual majoritário pôde também ser percebido nos dados censitários disponíveis para a capital paraense. De acordo com os resultados do recenseamento de 1872, 79% dos estrangeiros residentes em Belém eram portugueses[2], esse número cai para 68% em 1920, mas continua representando um valor significativo que indica a hegemonia dessa imigração para a capital paraense[3].

Diante desse quadro de maior presença de imigrantes portugueses em Belém quando comparados a indivíduos de outras nacionalidades, procurei discutir essa imigração observando, em um primeiro momento, o cenário da economia da borracha, quem eram essas pessoas que estavam migrando, de onde vinham, os motivos alegados para o deslocamento, as diferenças de status social e gênero, e, paralelamente, analisar as questões relativas ao casamento e a família destacando os arranjos necessários ao deslocamento, às alianças matrimoniais e à riqueza.

A BORRACHA, A CIDADE E A SUA POPULAÇÃO

O período que compreendeu os anos de 1870 a 1920, foi marcado pela formação e auge da economia da borracha, nas províncias que ficam na área que

---

1 Centro de Memória da Amazônia (Arquivo da Universidade Federal do Pará) (CMM) – *Inventários cartório Odon Rhossard*. Ano 1870-1920.

2 BRAZIL DIRECTORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. *Recenseamento da população do Império do Brazil 1872*. Rio de janeiro: 1873-1876. Parte 10. (Microfilme HA971-A2). CEDHAL/USP, São Paulo.

3 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) – *Recenseamento de 1920. População estrangeira das capitais, segundo a nacionalidade e o sexo*. Rio de Janeiro: Typ. de estatistica, 1926, p. 328-329.

atualmente chamamos Amazônia, localizada ao Norte do Brasil. A goma elástica produzida nestas localidades atingiu a marca de 24% do total dos produtos exportados pelo país na virada do século, tornando-se o segundo maior item na pauta de exportação brasileira[4].

As mudanças geradas nestas áreas em conseqüência da produção gomífera podem ser percebidas nas transformações culturais, arquitetônicas e urbanísticas impressas no cotidiano e no cenário das principais capitais amazônicas, entre elas, a cidade de Belém, por cujos portos grande parte do produto era exportada. De alguma forma, esta liquidez econômica propiciou o aumento da renda dos governos provinciais; a construção de palacetes, praças e avenidas (re)construídos à época; o início do transporte em *bonds* elétricos e do uso da iluminação elétrica; a vinda de grandes espetáculos e exposições internacionais que aportavam na capital. Este período foi constantemente associado à imagem da riqueza, do progresso, da alegoria do fausto e da modernidade, pelo menos na leitura dos escritores clássicos[5].

Contudo, a literatura mais recente vem chamando a atenção para as tensões e contradições que marcaram este período, problematizando as imagens do fausto, à medida que vão mostrando as dificuldades da população em situação de pobreza, em torno da moradia, do trabalho e da circulação nesta metrópole da borracha[6]. É portanto fundamental levarmos em conta as diferentes formas de viver esta cidade pelo conjunto de sua população, marcada por diferenças de riqueza e origem. Uma população que redefine e lê de forma distinta as mudanças trazidas pela economia do *ouro negro*.

Uma população que cresce aceleradamente em função da migração interna e estrangeira. Pessoas atraídas pelas possibilidades abertas com a exploração da borracha. Para se ter uma idéia do crescimento demográfico da cidade de Belém no período estudado, referimos que ela passa de cerca de 60 000 habitantes, em 1870, para cerca de 240 000 em 1920[7].

Parte da população que aporta em Belém é formada por migrantes nacionais, mas um número significativo é composto por estrangeiros, entre eles, os portugueses, que têm uma relação muito estreita com o comércio da borracha na cidade.

---

4 WEINSTEIN, 1993: 90. Acerca da importância da economia da borracha para a Amazônia cf. também: SANTOS, 1980.

5 BRAGA, 1931; REIS: 1972; CRUZ, 1973; TOCANTINS, 1963; PENTEADO, 1968.

6 SARGES, 2002.

7 RECENSEAMENTO DO BRAZIL. Vol. 4, POPULAÇÃO, 1.09.1920. *População do Brazil por estados, municípios e districtos, segundo o sexo, o estado civil e a nacionalidade*. Rio de Janeiro: Typ. de estatística, 1926; PARÁ – Secretaria do Governo, Manoel Baena. *Relatório apresentado ao governador do Estado em janeiro de 1897*. Pará: Typ. Do Diário Official, 1897. ÁLBU*M DO ESTADO DO PARÁ – Presidente de Província, Augusto Monetenegro (1901-1909)*. Paris: Imprimerie Chaponet (Jean Cussac), 1908.

8 Os seringais, como eram chamadas as áreas que compreendiam as estradas de seringueiras, localizavam-se inicialmente na região das ilhas próximas à Belém e, posteriormente, atingem áreas mais distantes junto à província do Amazonas e aos rios Solimões, Madeira, Purus e Juruá.

Basta lembrar que muitos dos proprietários de seringais[8] no Pará, e das casas de aviação[9] existentes em Belém, eram portugueses, ou portugueses naturalizados brasileiros[10].

Os comerciantes lusos se destacaram no mercado local de aviamento e exportação, e com o crescimento desse negócio passaram a sofrer a concorrência, cada vez maior, de comerciantes de outras nacionalidades, particularmente ingleses e americanos. Esses últimos foram gradativamente incorporando e fundando novas firmas de exportação e importação, beneficiando-se da vantagem de possuírem relações mais estreitas com as maiores empresas estrangeiras consumidoras de borracha, muitos delas também de origem inglesa e americana.

Com isso, parte da comunidade mercantil portuguesa concentrou-se no comércio de aviamento, comprando a borracha das casas de aviamento do interior do estado, ou diretamente, dos donos de seringais (parte deles portugueses) e vendendo-a aos importadores ingleses e americanos, que colocavam o produto no mercado estrangeiro.

Este quadro, aqui rapidamente caracterizado do papel dos estrangeiros no negócio da borracha, nos ajuda a entender a influência destes indivíduos na reconfiguração e consolidação dos grupos sociais locais. Assim, as tradicionais famílias de proprietários de terra enraizadas na província ainda no período colonial, tiveram que flexibilizar suas atividades para fazer frente às novas demandas do mercado da borracha e aos indivíduos recém-chegados, muitos deles, como vimos, estrangeiros, sem tradição, mas com fortunas centradas no negócio da goma elástica ou às atividades incrementadas a partir de sua expansão. Com isto, novos signos de riqueza se estabelecem, e as famílias da elite local, cujo patrimônio e prestígio estavam pautados preferencialmente na propriedade de engenhos, criação de gado, ocupação de cargos administrativos, funções militares e, por vezes, firmas comerciais, tiveram de restabelecer seus investimentos em novas bases, iniciando e/ou associando-se aos novos negócios e grupos de comerciantes, formados, não exclusivamente, mas em boa parte, por portugueses. Seringais, casas de aviação, firmas comerciais, ações e imóveis urbanos passaram a estar cada vez mais presente nos legados das famílias proprietárias, redimensionando o perfil das fortunas e das alianças matrimoniais.

É um pouco da trajetória desses migrantes portugueses diretamente associados ao comércio da borracha, e de tantos outros não necessariamente a ele ligado,

---

9 *Casas aviadoras* eram os estabelecimentos comerciais que abasteciam os seringais de mercadorias gerais como alimentos, roupas e utensílios, recebendo, em troca, o pagamento em espécie, mais propriamente em borracha. O dono da casa aviadora intermediava a venda da borracha para a casa exportadora e importadora, ou mesmo uma segunda casa de aviação, maior que a sua, da qual ele próprio era aviado (REIS, 1953: 84-89). O preço alto cobrado pela consignação de mercadorias aos seringueiros e o baixo preço pago na hora de comprar a produção da borracha eram reclamações constantes destes trabalhadores, que dificilmente conseguiam saldar suas dívidas com a casa aviadora à qual estavam ligados.

10 SANTOS, 1980: 62.

mas que de alguma forma vieram para o Pará em função do crescimento econômico gerado por ele, que passo a traçar mais detalhadamente a partir de agora.

SOLICITANDO PASSAPORTE, DESLOCANDO-SE PARA O PARÁ

Como muitos desses migrantes chegavam à Belém? Era uma migração eminentemente masculina? As mulheres também se deslocavam? Com filhos? A que atividades estavam ligados? Como vinham e com quem vinham?

Nas caixas da Torre do Tombo encontrei resposta para estas perguntas através dos inúmeros pedidos de passaportes de homens e mulheres portuguesas que procuravam viajar para o Pará nos anos de 1889 e 1900. Alguns pela primeira vez, outros já aqui haviam estado e solicitavam novo retorno. Mostro a partir de agora quem eram essas pessoas, quais suas atividades e os motivos de sua viagem.

Com diferentes marcadores sociais de status, geração e gênero, os imigrantes portugueses vinham dos distritos de: Viana do Castelo, Viseu, Bragança, Aveiro, Leiria, Beja, Santarém, Porto, Coimbra, Castelo Branco, Lisboa e Ponta Delgada. Ao saírem de seus locais de origem, em vilas rurais de Portugal, dirigiam-se para Lisboa, onde ficavam em hotéis ou casa de conhecidos e parentes, até conseguirem dar entrada no pedido de passaporte e ter a autorização para viajar.

Entre esses imigrantes a presença masculina era majoritária. Dos cerca de 124 passaportes solicitados nos anos de 1889 e 1890, 101 foram requeridos por homens e 23 por mulheres.

Em relação aos homens as principais atividades declaradas nos pedidos de passaporte estavam assim concentradas: proprietários, comerciantes, empregados no comércio, marítimos e trabalhadores agrícolas. Outras profissões apareceram em menor escala, como as de: serralheiro, jornaleiro, padeiro, sapateiro, carpinteiro, criado de servir, calafate, alfaiate, pescador e vendedor ambulante. Este perfil mostra a diversidade de ocupações daqueles que procuravam migrar, embora se acentue o fato de que a maior parte deles estava, de alguma forma, associada às atividades comerciais, fosse na condição de proprietário de casa comercial, fosse como empregado no comércio. De igual maneira, o número de indivíduos que se declararam "lavrador" ou "trabalhador agrícola" mostrou-se também bastante expressivo, apoiando a idéia que associa as dificuldades de posse e distribuição da terra em Portugal à migração[11].

A maior parte daqueles que migrou para o Pará declarou-se solteiro, como é o caso do comerciante Joaquim Nunes da Silva Motta, de 44 anos de idade, natural do Distrito de Castello Branco e que, ao vir ao Pará pela segunda vez, traz o sobrinho, também solteiro, Acassio Nunes da Motta, "o qual vae seguir

[11] SCOTT, 2002.

a vida commercial", tal qual o tio[12]. Ou mesmo pessoas como o padeiro João Martins Corrêa, 28 anos, que não sabe ler nem escrever[13]. Solteiro, viajou sozinho a fim de exercer sua profissão, assim como o agricultor de 21 anos de idade, Casimiro da Silva, também solteiro[14].

A propósito do expressivo número de indivíduos solteiros que aqui aportaram foi possível encontrar imigrantes que se declararam casados, ainda que, a maior parte deles viajasse sozinha, supostamente deixando mulheres e filhos em Portugal. Situações como a do jornaleiro Manoel Fernandes, 30 anos de idade, do distrito de Vizeu[15], ou do sapateiro de 27 anos, Antonio dos Santos[16]. No formulário ambos declararam-se casados mas viajavam sozinhos justificando a viagem pelo propósito de "exercer sua profissão" ou "arrumar meios de vida".

Uma vez analisado o perfil da imigração masculina, discuto, a partir de agora, a feminina observando que a principal justificativa das mulheres para a realização da viagem para o Pará era a necessidade de vir ao encontro do marido, ou da família, que aqui residia. Era essa a situação de Josefina de Jesus, 30 anos de idade, que viajava com a filha, Maria da Conceição, de 11 anos, ou de Emilia Carreira Gaspar, de 26 anos, que viajou com o filho, Pedro, de dois anos, todas elas declararam como motivo da viagem o fato de irem para "companhia de seu marido"[17].

Outras, em menor número, vinham acompanhadas do marido, como Rosa Maria de Jesus, 23 anos, casada, prendas domésticas, que chegou ao Brasil em 1896, depois de ter vivido em Portugal durante três anos com seu marido, Avelino Xavier da Costa, 25 anos, que se tornou caixeiro de um armazém, em Belém, onde se comprava partidas de borracha[18].

A propósito da maior parte das mulheres justificar a vinda ao Pará pela possibilidade de ficar em companhia do marido, ou da família, não foi pequeno o número de portuguesas que afirmavam viajar para tratar de negócios da casa ou mesmo para trabalhar. Algumas delas eram viúvas, como Maria da Luz Gonçalves, 26 anos, proprietária, que viajava com seus dois filhos, Andreza e Carolina, de 4 anos e 17 meses, respectivamente, para "tratar dos negócios da casa"[19]. Outras viajavam em busca de trabalho e, em geral, exerciam atividades ligadas ao serviço doméstico, como: criadas, engomadeiras, costureiras e amas-de-leite.

Comumente, essas mulheres trabalhadoras vinham sozinhas ou em companhia de seus filhos. Assim foi com a criada Marianna da Conceição, de 23 anos de idade, que veio ao Pará a fim de "exercer sua profissão". Ou mesmo da costureira Adelaide Augusta das Neves, 33 anos de idade, solteira, não sabia ler nem

---

12 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 06, NT 2511. Ano 1889.
13 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 14, NT 2646. Ano 1890.
14 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 54, NT 935 . Ano 1896.
15 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 5, NT 2510. Ano 1889.
16 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 5 (segundo maço), NT 2510. Ano 1889.
17 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 83, NT 2014a. Ano 1900.
18 CMM – *3.º Distrito Criminal. Ferimentos leves*. Cx 1896. Doc. 3. Ano: 1896.
19 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 14, NT 2646. Ano 1890.

escrever, que viajava com seu filho Damaso, de nove anos[20]. E, ainda, Maria das Dores Madeira, 26 anos, criada de servir, solteira. Ela queria viajar para o Pará em companhia da filha bastarda recém nascida, ainda com quatro meses de idade, que tivera no lugar onde residia, no distrito de Beja. Sem condições de criar a filha em sua localidade, via no Pará a possibilidade de "procurar meios de occupação"[21].

Fragmentos de histórias de mulheres viúvas ou solteiras, algumas proprietárias, muitas trabalhadoras pobres, viajando sozinhas ou com seus filhos naturais, que vinham ao Pará em busca de trabalho e meios de sustentar a família.

Uma vez no Pará, muitos desses imigrantes se fixaram e construíram uma vida familiar a partir do casamento realizado em Belém. Ao analisar os registros de casamento religioso de duas igrejas de Belém, Sé e Nazaré, podemos reencontrá-los. Em meio aos homens, a maioria veio a casar-se com mulheres paraenses, o que correspondeu a um total de 48% dos matrimônios realizados. A opção pelo casamento com paraenses chega a ser 34% maior do que o número de uniões realizadas com mulheres portuguesas. Estas últimas atingem apenas 14% dos enlaces realizados. De certa forma, isto pode estar associado ao próprio caráter dessa migração, marcada pela forte presença masculina em detrimento da feminina realizada em menor número.

Em contrapartida, as mulheres portuguesas que viviam em Belém contraíram matrimônio majoritariamente com seus conterrâneos. Das vinte e oito mulheres presentes nos registros, um pouco mais da metade contraiu núpcias com homens da mesma nacionalidade (54%), as demais se uniram aos homens paraenses (18%) e nordestinos (11%).

Dos noivos e noivas portuguesas que se casaram em Belém a maioria vinha de famílias legítimas marcadas pelo matrimônio de seus genitores, o que correspondeu ao total de 72% de nubentes nessa condição. Uma realidade diferente da população local, que provinha majoritariamente de famílias ilegítimas, onde se tinha a ausência no registro de pelo menos um dos genitores.

Ficar no Brasil, mesmo para aqueles que eram casados em Portugal, mostrou-se uma alternativa para muitos destes imigrantes. Exemplo disso é a trajetória do português Francisco Pereira da Silva, de 34 anos de idade, lavrador, casado, que ao ser perguntado sobre sua família em um auto aberto na delegacia, em 1873, em função de uma briga por causa de um serrote, assim declarou: "...que existe na Ilha de Faial, achando-se sua mulher senhorinha Isabel da Silva e que também tem na companhia desta dois filhos." Dando continuidade ao interrogatório, a autoridade pergunta "Porque o dito Francisco ausentou-se de sua família abandonando-a?", ao que ele respondeu:

> que não abandonara sua família, e sim aventurou-se deixando sua mulher e filhos em companhia de seus parentes e que veio para o Brasil procurar algum meio de vida e que logo que pudesse voltaria para o seio de sua família, por-

20 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 6, NT 2511. Ano 1889.

21 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 14, NT 2646. Ano 1890.

> que preferia passar por necessidade do que representar algum papel diante dos seus". Complementou ainda que: "casou com 26 para 27 anos depois que abandonou a vida marítima, que sendo seus pais mortos deixou alguma coisa que por ocasião do que, elle respondente, assistia sua família." Perguntado pelo delegado se possuía família no rio Acará, respondeu que: "por necessidade para ter algum trato delle respondente em suas enfermidades ou mesmo quem defenda seus interesses em sua ausência encostou-se a uma mulher que vive ainda em poder de seu pai de nome, Anna Pereira Gemaque, com quem elle respondente mora[22].

De seu depoimento depreende-se que o português Francisco deixara a mulher com os filhos em Portugal, que sobreviviam com o auxílio de parentes e de bens deixados pelos pais do mesmo. Francisco estava há oito anos no Pará, onde exercia a profissão de lavrador, provavelmente no rio Acará (interior do estado), e há cinco meses viera para Belém, onde permanecia. Como bem afirmou em seu depoimento, vivia "encostado" com uma mulher em Acará. A necessidade de ter alguém, para o português, estava associada ao cuidado em caso de enfermidade e proteção de seus interesses. Em seu depoimento reitera a pretensão de voltar a Portugal, apesar de encontrar-se há oito anos no Brasil, para onde veio em busca de novas oportunidades.

Não se tem como saber se Francisco realmente voltaria a Portugal, mas a questão que se coloca a partir de sua narrativa é que a migração para o Brasil é, muitas vezes, encarada por esses imigrantes como temporária, uma alternativa para a acumulação de capital e a possibilidade de retorno em uma condição de riqueza e prestígio superior àquela deixada quando do deslocamento para a antiga colônia. Uma estratégia bastante utilizada e aludida nas narrativas, mas nem sempre atualizada nas experiências cotidianas.

DE VAPORES E CARTAS

Ainda seguindo a trilha dos pedidos de passaporte encontrei um conjunto de cartas trocadas por casais portugueses, que se encontravam separados, vivendo cotidianos pontuados por dias de distância em navios a vapor. Suas correspondências enviadas nas embarcações que saíam dos portos de Belém e Lisboa encontram-se anexadas aos pedidos de passaporte solicitados junto ao Governo Civil de Lisboa. Essas cartas outrora minimizaram os espaços e as distâncias, hoje, permitem conhecer às ausências, às formas de organização da vida doméstica, às relações de parentesco, o reiterar do amor e dos procedimentos necessários para a viagem que possibilitava o re-encontro familiar destes casais.

A partir delas fragmentos de trajetórias de vida podem ser conhecidos, como a do português Bento Motta e sua esposa Josefina de Jesus, de 30 anos

---

22 CMM – *Auto de Perguntas*. *Fundo de Segurança Pública*. Ano 1873. Cx 1873.

de idade. Ele morava em Belém, ela em Lisboa. E, desta forma, eles se comunicaram:

> Pará, 20 de novembro de 1900
>
> Minha querida esposa. Muito estimo que estas duas mal notadas linhas a vão encontrar com uma perfeita e feliz saúde, mais as nossa filha i touda a família. Mulher. Hoje mesmo terminei a tua jornada i de nossa filha a Conceição ahi te mando uma letra com o valor de 50.000 mil réis para ires receber a caza de Braga não posso agora te mandar mais. Recebe o dinheiro da vaca.e vende o pão que eu te lá deixei i venderas a porca e as batatas toudas i faz por apurares todo esse dinheiro, venderas a lã que tudo te sera precizo para a tua jornada e nossa filha Conceição, faz por a render os bens se ober quem os queira. Se não haver quem os queira entrega a teu pae i que pague os tributos. Faz os impossíveis para ver se cá esta para o natal. A casa de cima arrenda i as outras debaixo onde estava o caiador deixa la ficar os nossos moveis e deixaras la a chave da casa a tua mai, traz os lençóis que cá tudo é precizo e traz as colças. Prega o portão da casa de cima que entras para a debaixo com uma taboa...compra uns sapatos para a pequena para aqui desembarcar...Si não trato em Lisboa, eu escrevo daqui para o Antonio Araújo para elle te ir esperar na estação i para vir com tigo a te o vapor i elle mesmo te trata do teu passaporte irás com essa carta a Taboaço reconhecer a carta no tabelião i arranjar logo os teus papeis toudo em Taboaço, para não andares [ilegível]. mandame dizer que vapor vens para eu a qui te esperar no desembarque não traga encomendas para ningém, quem sofre com isso somos nós, é precizo que tu tragas essa carta para tirares o passaporte é precizo mostrar essa carta i ser reconhecida pelo tabelião. Mandaras comprar uma roupinha a pequena para trazer com tigo não te encomodes sou teu marido, só a vista terá fim. Se não houver alguma pessoa que venha para aqui não tenhas medo de entrar no vapor.
>
> Bento Motta[23].

Josefina reconhece a carta alguns dias depois, junto a um tabelião, em 13 de dezembro de 1900. Ela e Bento estavam casados há 12 anos conforme informação da certidão de batismo da filha, Maria, que nascera no ano posterior ao casamento, em 1889. Naquele ano, Bento exercia a atividade de jornaleiro e o casal vivia no "Concelho de Taboaço", diocese de Lamego, onde ele instruíra a esposa a reconhecer a documentação. A carta faz alusão à remessa de dinheiro, através de letras, feita por Bento à família que restara em Portugal. Bento chega a ser minucioso nas instruções que remete a Josefina para que esta viabilizasse os preparativos de sua jornada, mandando-lhe vender a vaca, a porca, trancar as portas, deixar a chave com a mãe e entregar ao pai o que não pudesse vender, ao que este trataria de pagar os tributos.

Essa correspondência demonstra bem a dimensão das medidas que implicavam o deslocamento dessas pessoas. Para além do valor monetário do traslado,

---

23 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 83, NT 2014a. Ano: 1900.

elas dão uma descrição rica dos pormenores necessários para se desfazer, mesmo que temporariamente, dos bens e afazeres de Portugal a fim de realizar a viagem.

Bento sugere à esposa que traga lençóis e colchas, "porque cá tudo é precizo". Chega mesmo a destacar a importância dela comprar um sapato e uma roupa à filha para a viagem e o desembarque no Pará. A longa viagem para um local desconhecido poderia implicar em um certo receio, ao que se percebe da preocupação de Bento ao consolá-la dizendo que "se nao houver alguma pessoa que venha para aqui não tenhas medo de entrar no vapor ".

Na narrativa fica clara a importância da rede familiar e de amizade para os preparativos da viagem. Josefina ia precisar dos pais para, entre outras necessidades, guardar a chave da casa e ficar responsável pelas coisas que não conseguiria vender. Iria também precisar do auxílio de um amigo, a quem Bento recorreria para levar a esposa à estação e ao vapor, além de ajudá-la com a solicitação de passaporte.

Uma segunda carta nos permite conhecer a história de Emilia Carreira Gaspar Dias de Souza, de vinte e seis anos de idade. Ela morava em Lisboa com o filho de dois anos, Pedro, em companhia de seu sogro. O marido, Pedro Fernandes Dias de Souza, encontrava-se em Belém e era oficial da marinha mercantil. Seu pai, após algum tempo convivendo com Emilia e o filho, parece tê-lo pressionado a mandar buscá-los para viver com ele em Belém. Segundo a carta de Pedro à Emilia, este alega ter ficado surpreso com a carta do pai solicitando que o filho mandasse chamar a família. Diz Pedro:

> Pará, 31 de Outubro de 1900
>
> É o meu maior desejo e os meus ardentes votos que esta minha carta te va encontrar no gosso de bôa saúde, assim como nosso querido filhinho, e mais família, em ao presente sem novidade. Pelo paquete passado fiquei tão surprehendido com as cartas recebidas de meu pae, que não disse tudo que queria, porque enfim é meu pae, mas elle me faz uma accusação que eu não mereço pois que se perdeu o logar na Ilha Brava a culpa foi delle, porque se opôz a tua vinda par cá, e agora diz que eu tinha promettido mandarte vir e que elle fiado nisso tratou de tudo para embarcar no transporte. A pouca é que como eu não te mandasse virque perdeu o logar, pois que não havia de te deixar sozinha e agora diz me que já tem logar e que deve lá estar em dezembro, e portanto que resolva a teu respeito. Ora eu já resolvi que é a tua vinda para cá como verás não? a carta e junto desta encontrara uma ordem de 200#00 fortes, e para o outro mandarei o resto caso me seja fácil.... contava mandar-te dinheiro agora, mas só fazem pagamento no dia 1 do mez e o paquete sae hoje e não há outro, tem paciência que até 25 (vinte e cinco) de novembro chegará ahi, chegara sem falta que a ordem vae em teu nome farás o que entender. Não acredito ainda que meu pai vá para a Ilha, mas quer vá quer não, tu é que ahi não ficas. Não deixes ahi ficar senão o que de todo for impossível trazer informa-te na agencia do vapor onde tomares passagem se pode trazer mobília com bagagem, cuja mobília demarcaras e encaixota as para o que tem junta em Lisboa para isso, porque só tu aqui veras como isso aqui é caro. A casa já tenho, é uma das mais baratas que pago, faz lá idéia, 24#000fortes, por...mez!!, tem sola, alcova

> e um quarto, casa de jantar, cosinha e fora um quintal, um banheiro e retrete, e estou com sorte felizmente. Por hoje nada mais e aguardo carta tua para ser mais extenso.
>
> Pedro Fernandes Dias de Souza[24].

Como já observado Emilia e o filho ficaram em Lisboa com o sogro, que passou a exercer certa pressão para que Pedro os mandasse buscar. O marido pagaria a despesa da viagem enviando ordens de pagamento. Por outro lado, Emilia deveria cuidar de todos os preparativos para o embarque e, embora não precisasse da autorização do esposo para realizá-lo, era necessário reconhecer a carta de Pedro junto a um tabelião para retirar o passaporte. Ao que parece, ela viria para viver durante algum tempo, tendo em vista a preocupação em trazer a mobília, pois, segundo Pedro, as coisas em Belém eram caras, justificando tal despesa, como ele afirmara à esposa: "só tu aqui veras como isso aqui é caro". Mesmo o preço da casa em que ele vivia lhe parecia muito alto frente às características que esta apresentava e por ele minuciosamente descrita. Em suas palavras: "A casa já tenho, é uma das mais baratas que pago, faz lá idéia, 24$000 fortes, por... mez!!."

Mais uma vez vemos a importância das relações de parentesco para a realização da viagem entre *as duas margens do Atlântico*. De alguma maneira, a viagem de Pedro se fez possível à medida que a mulher e o filho ficaram com o seu pai.

Emilia deveria vir no mês de dezembro para o Pará, o mesmo período do deslocamento de Josefina, devendo informar a data do embarque em pelo menos um *paquete* de antecedência. Outros tempos, outras medidas de referência.

Essas histórias nos trazem fragmentos de circunstâncias particulares da vida desses imigrantes. Da preocupação com a compra do sapato da filha pequena para o desembarque no Pará ao fechamento da porta com tábuas da casa portuguesa; do envio de uma carta chamando a cônjuge para viver junto de si, justificando, desse modo, junto às autoridades, a sua viagem, às ordens de pagamento enviadas para a realização da mesma. Em sua singularidade, essas histórias revelam, com riqueza, os detalhes, as dificuldades, acordos e ajustes domésticos necessários à realização da migração. E, com elas, um olhar novo e complementar se faz associar aos números e percentuais da migração a que remetem as solicitações de passaporte que pontuei no item anterior.

CASAMENTO E ALIANÇAS

Ao chegar em Belém, esses imigrantes assumiam diversas profissões. Encontrei-os na condição de aguadeiros, leiteiros, no transporte de *bonds* movidos a animal, caixeiros e proprietários de casas comerciais.

---

24 ANTT – *Listagem de Passaporte*. Governo Civil. Cx. n.º 83, NT 2014a. Ano 1900.

A maior parte daqueles que enriqueceram estava de alguma forma ligada ao comércio da borracha, direta, ou indiretamente. Como em muitas localidades, a propriedade de terra e gado ficava nas mãos das famílias tradicionais da elite local, cabendo aos imigrantes recém chegados, atraídos pela economia da borracha, o comércio. Todavia, embora a borracha trouxesse a perspectiva do enriquecimento ou o fortalecimento de fortunas já iniciadas, nem sempre isto era suficiente para que os proprietários estrangeiros participassem do universo restrito da elite paraense. Fazia-se necessário aliar à riqueza outros fatores como prestígio, reconhecimento, nome e tradição familiar, o que poderia ser alcançado através de alianças comerciais e/ou conjugais com membros das famílias proprietárias local que, como já salientado, remontavam ao período colonial, quando muitas delas receberam sesmarias doadas pela coroa.

Como já referi, essa elite local possuía terra, gado, engenhos de açúcar, ocupavam cargos políticos e funções militares que desvelam sua rede de influência e poder. Pouco a pouco, esses proprietários combinaram essas atividades à extração de seringa, ou ainda, à firmas de aviamento ou de comércio de mercadorias em geral. A entrada neste negócio poderia se dar de forma individual ou através de sociedades comerciais, que muitas vezes envolviam comerciantes estrangeiros, muitos deles portugueses, filhos de portugueses, ou brasileiros naturalizados.

Estas sociedades não raramente extrapolavam o âmbito dos negócios e alcançavam as relações familiares. A abertura dessas famílias tradicionais a novas atividades e negócios podia ser iniciada, ou consolidada, a partir da aliança matrimonial com comerciantes estrangeiros, que passaram a ocupar cada vez mais espaços organizacionais, reforçar associações, investir em serviços urbanos, estendendo sua rede de poder e de influência.

Em meio às alianças conjugais envolvendo famílias de comerciantes portugueses, ou filhos de portugueses, e famílias tradicionais da elite local, cabe o exemplo do matrimônio de João Gualberto da Costa Cunha e Anna Cândida Malcher Cunha.

João Gualberto da Costa Cunha nasceu em 1844 no Maranhão sendo filho de pais portugueses. Sua família de comerciantes era importante naquela província, recebeu o nome homônimo de seu avô português que chegara ao Maranhão ainda no início do século XIX. Uma vez em Belém, João Gualberto tornou-se um dos maiores comerciantes locais, participando da firma de aviamento "Darlindo Rocha & Companhia". Participou, ainda, da instituição e publicidade do Banco Emissor. Casou-se com Anna Cândida *Malcher* Cunha, filha de uma família de proprietários de terras concedidas por sesmarias. Seu pai, José da Gama Malcher, era médico, tendo ocupado diversos cargos na administração da província, como o de vereança, chegando mesmo a ser, durante muitos anos, intendente de Belém. Vê-se assim de que forma um

[25] CMM – *Inventário João Gualberto da Costa Cunha*. Maço 27. Ano 1908.

migrante maranhense de uma rica família de origem portuguesa casou-se com uma mulher da elite local[25].

Na verdade, ao chegar ao Pará, João Gualberto não estava sozinho. Seu tio materno, Francisco Gaudêncio da Costa, já era um rico comerciante instalado em Belém desde a primeira metade dos oitocentos. Francisco era casado com a paraense, Carlota Pombo Brício, sobrinha de um grande pecuarista da Ilha do Marajó, Ambrozio Henrique da Silva Pombo[26]. Por sua vez, sua esposa, Carlota, era irmã do barão do Marajó, José Coelho da Gama e Abreu, que foi presidente da província do Pará, em 1879[27].

Esses dados deixam claro como membros de duas gerações de uma mesma linhagem de comerciantes portugueses, ou filhos de portugueses, Francisco e João Gualberto, casaram-se com mulheres de famílias tradicionais paraenses, proprietárias de terra e com grande influência na política local; afinal, a cunhada de Francisco fora casada com um presidente de província, e seu sobrinho, João Gualberto, casou-se com a filha de um intendente da capital paraense.

Através dessas alianças as famílias fortificavam o patrimônio e ampliavam a rede de influência política, o que, particularmente para os migrantes, poderia tornar-se um elemento importante de integração à sociedade e aos espaços de sociabilidade da elite local.

Estas histórias poderiam ser multiplicadas, no entanto, aqui, cabe apenas indicá-las e através das diversas fontes trabalhadas, trazer um pouco do universo da imigração realizada para o Pará e sua capital, compreendendo algumas trajetórias pessoais de homens e mulheres, casados e solteiros, que viajavam sozinhos ou acompanhados, alguns vinham sem riqueza, outros com bens, havendo ainda os que fizeram fortuna a partir de negócios ligados direta, ou indiretamente, à borracha. Muitos se casaram em Belém, com paraenses ou portuguesas, alguns se associaram às tradicionais famílias da elite local através do matrimônio. Muitas histórias, tantas outras trajetórias por contar, mas outros vapores ainda podem ancorar *nas duas margens* do *Atlântico*...

BIBLIOGRAFIA

CANCELA, Cristina Donz, 2006 – *Casamento e relações familiares na economia da borracha.Belém 1870-1920*. São Paulo: Universidade de São Paulo (tese de doutoramento).

BATISTA, Luciana Marinho, 2004 – *Muito além dos seringais: elites, fortunas e hierarquias no Grão-Pará, c.1850-c. 1870*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (tese de doutoramento).

BORGES, Ricardo, 1986 – *Vultos notáveis do Pará*. Belém: CEJUP.

BOTELHO, João José da Costa, 1983 – *A família Castro no Pará*. Belém: Falangola.

26 BORGES, 1986: 131.

27 BORGES, 1986: 646

BRAGA, Theodoro Reis, 1931 – *História do Pará: resumo didactico*. São Paulo: Companhia Melhoramentos.

CRUZ, Ernesto, 1973 – *História de Belém*. Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA), vol. 1.

FONTES, Edilza Joana de Oliveira, 1993 – "Prefere-se portuguesas: mercado de trabalho, racismo e relações de gênero em Belém do Pará. *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*, Belém: UFPA, vol. 12, n.º 1/2, p. 67-84.

REIS, Arthur Cezar Ferreira, 1953 – *O seringal e o seringueiro: documentário da vida rural*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola.

PENTEADO, Antonio Rocha, 1968 – *Belém: Estudos de geografia urbana*. Belém: Universidade Federal do Pará.

PEREIRA, Miriam Halpern, 2002 – *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*. Bauru/ /São Paulo: EDUSC/Portugal: Instituto Camões.

SANTOS, Roberto, 1980 – *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz.

SCOTT, Ana Silvia, 2002 – "Aproximando a metrópole da colônia: família, concubinato e ilegitimidade no noroeste português (século XVII e XIX)", *in Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP)*. Ouro Preto/Minas Gerais, Novembro.

MARIN, Rosa Acevedo, 1985 – "As alianças matrimoniais na alta sociedade paraense no século XIX". *Revista Estudos Econômicos*, São Paulo: Instituto de pesquisas Econômicas (IPE), n.º 15, p. 153-167.

WEINSTEIN, Bárbara, 1993 – *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP.